

É PRECISO ULTRAPASSAR AS FRONTEIRAS DO NARCISISMO PARA AMAR: ENSAIO TEÓRICO ACERCA DO ASPECTO NARCÍSICO NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

*YOU HAVE TO GO BEYOND THE BOUNDARIES OF NARCISSISM TO LOVE: A
THEORETICAL ESSAY ON THE NARCISSISTIC ASPECT OF DOMESTIC VIOLENCE
AGAINST WOMEN*

Sandra Adelina Giacominiⁱ

Joana Alvaresⁱⁱ

Resumo: Este ensaio teórico discute o narcisismo e o comportamento violento de homens contra mulheres em relacionamentos afetivos, destacando contribuições da psicanálise. A pesquisa, alinhada aos estudos de gênero, analisa como construções sociais e culturais legitimam a violência masculina. A psicanálise oferece *insights* sobre como o narcisismo e a frustração influenciam o comportamento violento, especialmente em contextos onde a masculinidade hegemônica é valorizada. O ensaio explora a diferença entre amor objetal e narcisista, sugerindo que, na forma narcísica, o homem busca controlar e diminuir a mulher. Conclui-se que a compreensão psicanalítica, combinada com estudos de gênero, pode contribuir para intervenções eficazes contra a violência doméstica.

Palavras-chave: violência doméstica; mulheres; narcisismo; amor; psicanálise.

Abstract: *This theoretical essay discusses narcissism and the violent behavior of men against women in affective relationships, highlighting contributions from psychoanalysis. The research, aligned with gender studies, analyses how social and cultural constructions legitimize male violence. Psychoanalysis offers insights into how narcissism and frustration influence violent behavior, especially in contexts where hegemonic masculinity is valued. The essay explores the difference between object and narcissistic love, suggesting that in the narcissistic form, the man seeks to control and diminish the woman. It concludes that psychoanalytic understanding, combined with gender studies, can contribute to effective interventions against domestic violence.*

Keywords: *domestic violence; women; narcissism; love; psychoanalysis.*

Submetido em: 09.11.2024

Aceito para publicação em: 03.12.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ⁱ Psicóloga (CRP 07/04902), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFRGS, Docente do Curso de Psicologia da FSG Bento Gonçalves – RS e Coordenadora e orientadora do Grupo de Estudos de Gênero – GREG. *E-mail:* sandra.giacomini@fsg.edu.br.

ⁱⁱ Psicóloga (CRP 07/22780), Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica IEPP-RS, Doutoranda e Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS, Docente do Curso de Psicologia da FSG Bento Gonçalves – RS e Coordenadora e orientadora do Grupo de Estudos de Gênero – GREG. *E-mail:* joana.alvares@fsg.edu.br.

“Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar.”

Angela Davis

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente ensaio teórico se propõe a discutir sobre o narcisismo e o comportamento violento de homens para com mulheres com quem mantém ou mantiveram um relacionamento afetivo, apresentando algumas contribuições da psicanálise na compreensão do funcionamento psíquico de um indivíduo violento. Essa pesquisa está alinhada aos estudos sobre gênero e o impacto que as relações que se estabelecem se impõem diante dessa perspectiva.

Como afirma Khouri (2012), a violência contra a mulher é algo tão antigo quanto a humanidade, portanto não é um fato novo, ela é inerente a sociedade humana (Xavier, 2019). A perspectiva histórica confirma que a violência de gênero não se manifesta isoladamente, mas como parte de uma construção cultural e estrutural que, ao longo do tempo, contribuiu para sua naturalização. Sabe-se, contudo, de acordo com Luchese, Avoglia e Silva (2017), que a ocorrência de atos violentos contra mulheres é uma questão que se repete, uma vez que, partilha da visão de que a construção social pode legitimar o poder de um gênero sobre o outro e favorecer a violência. Xavier (2019) acrescenta que os aspectos relacionados a violência estão enraizados nas estruturas sociais, econômicas e políticas, ou seja, no coletivo, mas mais que isso, ela também está colocada na consciência individual do entendimento que cada um faz sobre o seu gênero e, portanto, interfere na dinâmica subjetiva e nas relações estabelecidas a partir dela.

2 É PRECISO ULTRAPASSAR AS FRONTEIRAS DO NARCISISMO PARA AMAR: PSICANÁLISE, NARCISISMO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A partir dos Estudos Culturais e de Gênero podemos destacar elementos de representações hegemônicas de masculinidade vigentes na contemporaneidade brasileira, caracterizadas por qualidades como ativo, viril e forte. Adjetivos esses considerados naturais e legítimos do homem (Connell, 2005). Na cena pública, é esperado que meninos brinquem com os movimentos agressivos, e estimula-se que brincadeiras de soco e de luta façam parte de suas rotinas.

Esses comportamentos revelam um processo de socialização que, na tentativa de formar identidades, muitas vezes restringe as expressões emocionais, gerando estereótipos que são perpetuados e replicados em diferentes gerações. Socialmente e culturalmente, os meninos são ensinados a reprimir suas emoções e ao mesmo tempo são excitados a expressão raiva. As famosas expressões sociais “homens não choram” e “homem que é homem não leva desaforo pra casa” reforçam essa ideia e consolidam padrões que dificultam uma relação saudável com a própria afetividade. Já as representações hegemônicas de feminilidade, por outro lado, se constroem sob a égide da docilidade, da submissão, da fragilidade e da complacência (Connel, 2005), sendo as mulheres convidadas a se entregarem aos braços de homens fortes, que lhe oferecem “proteção e segurança”.

Neste contexto, justifica-se uma hierarquia entre homens e mulheres, que classifica os sujeitos entre os que “podem mais” e “as que podem menos”, sendo, a partir desta classificação hierárquica, que a violência encontra espaço para sua expressão, reproduzida e naturalizada através de uma cultura machista (Moura, 2021). A partir destes estudos compreende-se que a masculinidade é tão diversa quanto a pluralidade dos contextos de vida e que, no entanto, essas múltiplas possibilidades são muitas vezes sufocadas em prol de um padrão hegemônico.

Sendo a psicanálise uma ciência que estuda a constituição subjetiva dos indivíduos, entende-se que seus estudos também podem oferecer importantes reflexões sobre o que leva um homem a se tornar um homem autor da agressão, como os estudos de Jurandir Freire Costa (2021) sugerem. Entendimento esse que poderá compor a abordagem a estes homens de modo a contribuir com o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. Nesse sentido, a psicanálise, ao tratar da subjetividade humana e do modo como o inconsciente influencia ações, apresenta um referencial rico para entender as motivações inconscientes por trás de comportamentos violentos.

Diante disso, questiona-se: O que é o amor? São inúmeras as definições de amor que marcaram épocas, essas que se reproduzem e se reatualizam na contemporaneidade. Nesse escrito pretende-se desenvolver e analisar a temática a partir de dois escritos clássicos da obra de Freud, o estudo sobre o *Narcisismo* (1914) e, *Luto e Melancolia* (1917), destacando o papel das relações objetivas estabelecidas ao longo do desenvolvimento humano e que dão base para futuros relacionamentos, além de se articular com autores psicanalíticos clássicos que amparam o pensamento freudiano sobre o que se propõe a pensar nesse ensaio.

Lacan (1953-1954) afirma que na psicanálise, fala-se continuamente sobre o amor. Os modos de amar e de se apaixonar revelam a estrutura psíquica e a posição que cada sujeito

adota diante da vida, influenciando assim suas ações. Freud (1914) afirma que é necessário renunciar a uma parte do narcisismo para que o sujeito possa buscar o amor. Essa busca visa restaurar as sensações de afeto e prazer experimentadas na primeira infância. A procura pelo amor pode ser vista como o deslocamento da libido do Eu para o objeto, tornando o narcisismo um tema central para este trabalho. Amar, nesse sentido, implica um processo de escolha objetal que não ocorre sem renúncia, e essa renúncia nem sempre é fácil ou aceitável para todos os sujeitos, principalmente para aqueles que mantêm uma estrutura narcísica exacerbada.

A violência doméstica contra a mulher amada é distinta de comportamentos violentos de homens dirigidos a pessoas em geral, apontando para características específicas do funcionamento psíquico do autor da agressão (Luchese; Avoglia; Silva, 2017).

O modelo estrutural pulsional freudiano fornece conceitos centrais para a compreensão do desenvolvimento e do funcionamento psíquico dos sujeitos. O Eu é investido por duas energias, a de conservação do sujeito (interesse) e a de conservação da espécie (sexual), havendo sempre a prevalência de uma delas. São “*dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida*” (Freud, 1914, p. 108). E, a forma de amar dependerá da escolha preferencial de um desses, nele mesmo, ou seja, no seu próprio eu, a escolha narcísica ou através do outro, a escolha anaclítica ou de ligação. Assim, de acordo com Lazzarini e Viana (2006), o eu e os objetos polarizam, por assim dizer, a sexualidade que se abre para a existência de uma libido do eu e uma libido do objeto, marcando não somente a qualidade do investimento que seria sempre sexual, mas também a sua direção.

O sujeito em si nasce frágil tanto no aspecto físico como no emocional, sendo dependente de uma figura alheia. Com o crescimento surgem as frustrações, momento em que cresce de forma física e psíquica, “abandonando” assim o princípio de prazer total, se instaurando o princípio de realidade (Freud, 1930). A libido vai do eu para o objeto, da autopreservação e para pulsão sexual.

As experiências da primeira infância gradualmente permitem que o sujeito se reconheça separado do objeto, que, por sua vez, passa a ser visto com características e afetos próprios. Freud (1923), em *O Ego e o Id*, explica que o ego ideal, aquele que pode tudo com todas as suas perfeições requeridas, se desfaz. E na medida em que se instaura o princípio de realidade, o ideal do eu é constituído. O autor, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, coloca que “o ideal de eu é o substituto do narcisismo perdido na infância” (Freud, 1914, p. 112). Portanto, o sujeito deixa de “ser” para o “ter”, e assim busca o outro para receber o que não possui. Acontece uma renúncia ao narcisismo primário ao secundário e o princípio de

realidade se impõe ao princípio de prazer. Os desejos seguem investidos, mas agora recalçados, sendo objetos inconscientes.

Em alguns casos, para alguns sujeitos, com o objetivo de manter o ego protegido do excesso de ansiedade, resultante da dificuldade de assimilação de certas experiências, acontece uma permanência no funcionamento narcísico. Dessa forma, quando o investimento libidinal se mante no Eu, a busca do outro é a busca de si próprio, sendo o objeto valorizado quando representa essa parte de si próprio.

De fato, não existe um desejo pelo objeto, há um uso do objeto. Mantem-se o ego ideal e há uma incorporação à personalidade do sujeito na forma de uma perversão. Na concepção de estrutura perversa, Freud referiu: "A mulher é o apêndice do falo e não o contrário" (Freud, 1905, p. 90). Nessa estruturação perversa, impera o narcisismo primário, não acontece o recalque como na neurose, portanto a perversão é o inverso da neurose (Freud, 1924). Trata-se de uma recusa de se reconhecer como marcado pela falta, de reconhecer uma realidade (Naves, 1999). Assim, o que é percebido como ameaça a este estado narcísico desperta um medo intenso e que pode ter como manifestação a violência.

De que forma então pode-se pensar os homens que são violentos com mulheres com quem tem um relacionamento afetivo?

Na forma de amar narcísica, há uma necessidade de impedir qualquer possibilidade de vínculo objetal, o que poderia justificar os ataques aos objetos, ou seja, as mulheres com quem estes homens mantém um relacionamento afetivo. Na busca da autopreservação, é necessário controlar o outro, diminuí-lo, destruir as diferenças de modo a impedir que o outro seja um ser distinto, que possui desejos (Luchese; Avoglia; Silva, 2017).

Fala-se, então, de um funcionamento perverso dos homens que agridem mulheres com quem tem um relacionamento afetivo (Birman, 2007), na qual buscam garantir a integridade narcísica, numa defesa contra a angústia de castração. Poderia ser representado ao que Nietzsche chama de mito do "amor profundo" (2006), um amor fusional, que aprisiona. Um amor-fusão, estabelecido numa relação de tirania da intimidade, que oferece uma ilusão de totalidade, onde o afeto é privatizado (Nietzsche, 2006).

Pautado na perspectiva psicanalítica, entende-se que não se chega ao amor objetal sem que se aceite a castração, sem aceitar a falta e a perda. É necessária essa aceitação para a busca de uma escolha objetal como tentativa de recuperação da perda narcísica. Então, o sujeito passa a aceitar a realidade que diz que se é falho, incompleto, e que se precisa do outro.

O ciúme, um sentimento que faz parte da formação e manutenção de vínculos, conforme a intensidade, pode levar a comportamentos violento. Não é mais uma expressão do medo de perder a pessoa amada, mas uma insegurança irracional, com uma exagerada preocupação com a infidelidade da parceira (Centeville; Almeida, 2007).

E quando essa violência chega a uma situação de assassinato seguido de suicídio? Para Nietzsche (2006), o drama de Narciso reside no fato dele não conseguir atingir, alcançar, abraçar a própria imagem. Na melancolia e no ciúme exagerado, a ferida narcísica e a autocrítica são centrais. Ao não aceitar a castração, o sujeito se identifica com o objeto perdido, há um retorno da libido para si mesmo e ele passa a atacar a si mesmo. O ódio ao objeto volta-se para o eu (Freud, 1917). No caso do agressor, a possibilidade da perda do objeto amado é vivida por ele como perda total, de si mesmo (Nardi; Benetti, 2014).

Santa Clara (2007) preconiza que a melancolia é uma manifestação narcísica, a perda objetual transformou-se numa perda do ego. Acontece uma identificação com o objeto perdido, o ataque ao outro é também um ataque a si mesmo. Isto explica as situações onde àquele que mata se suicida depois (Freud, 1996).

A capacidade de amar está intimamente relacionada à capacidade de renúncia, e o desenvolvimento do ego, em um afastamento do sujeito ao narcisismo primário. Amor pressupõe dualidade, onde o outro é visto como quem age, sente e vive de uma maneira diferente da nossa (Nardi; Benetti, 2014). Vivências agradáveis de satisfação desenvolvem as defesas necessárias para assimilar determinadas experiências, reconhecendo-se separado do objeto. É o reconhecimento destes limites pessoais e do reconhecimento do diferente. que chegamos a relacionamentos interpessoais com intimidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse ensaio entende-se que quando associada aos estudos de gênero, a teoria psicanalítica pode contribuir com o desenvolvimento de intervenções dirigidas ao enfrentamento efetivo nos casos de violência contra a mulher. Ao aprofundar o entendimento sobre as dinâmicas narcisistas que frequentemente subjazem aos comportamentos violentos, a psicanálise oferece ferramentas valiosas para compreender as raízes psicológicas da agressão, além de apontar caminhos para a construção de políticas públicas e abordagens terapêuticas que visem a transformação das concepções sociais acerca das masculinidades e a promoção de relações afetivas mais saudáveis e igualitárias entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CENTEVILLE, Valéria; ALMEIDA, Thiago de. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. *Psic. Rev. São Paulo*, vol. 16, n. 1-2, pp. 73-91, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18058>. Acesso em: 05 dez. 2023.
- CONNELL, Raewyn W. *Masculinities*. University of California Press, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. São Paulo: Zagodoni Editora, 4ª ed. – ampliada e revisada, 2021.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII, pp. 129-238. Rio de Janeiro: Imago, 1905.
- FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 77-110. Rio de Janeiro: Imago, 1914.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV, p. 245-270. Rio de Janeiro: Imago, 1917.
- FREUD, Sigmund. *Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 15-85. Rio de Janeiro: Imago, 1923.
- FREUD, Sigmund. *Neurose e Psicose*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX, p. 158-174. Rio de Janeiro: Imago, 1924.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI, p. 67-150. Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- FREUD, Sigmund. (1916-1917) *Conferência XXVI. A teoria da libido e o narcisismo*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KERNBERG, Otto F. *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KHOURI, José Naaman. Considerações sobre a violência de gênero e violência doméstica contra a mulher. *JusBrasil*, 2012. Disponível em: <http://dpmt.jusbrasil.com.br/noticias/3021506/artigo-consideracoes-sobre-a-violenciade-genero-e-violencia-domestica-contra-a-mulher>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- LACAN, Jaques (1953/54). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O Corpo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 22, n. 2, pp. 241-250, 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-444315>. Acesso em: 22 abr. 2024.

LUCCHESI, Gabrielle dos Santos; AVOGLIA, Hilda Rosa Capelão; SILVA, Patrícia Oliveira. A dinâmica psíquica e as estruturas defensivas da mulher vítima de violência doméstica. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 24-39, jan. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 dez. 2024.

MOURA, Manuela. *Violência doméstica – ressignificando narrativas*. (1ª ed.) São Paulo: Zagodoni Editora, 2021.

NARDI, Suzana Catanio dos Santos; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Contribuições psicanalíticas acerca da violência conjugal. *Psicologia: Ciência E Profissão*, vol. 34, n. 1, 112–125, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FTcJSHbdKrqVHkbzwKnG6jB/abstract/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 25 abr. 2024.

NAVES, Emilse Terezinha. O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, vol. II, n. 2, pp. 108-120, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WH363PTCcHjKnj9vBVJdPNh/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Companhia de Bolso).

SANTA CLARA, Carlos José da Silva. Melancolia e narcisismo: a face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro. *Mental*, 5(9), 131-150, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000200009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 01 jul. 2024.

XAVIER, Noemi Pinheiro. *Violência e feminicídio: o papel da educação em defesa da mulher*. Joinville, SC: Clube de Autores, 2019.